

CAPTAS: IRÔNICAS, RUIDOSAS E INCONVENIENTES

Fábio Oliveira Nunes - UFRN

Resumo

O artigo concentra-se no processo criativo da intervenção móvel-urbana *Captas* (2009-2010) de Fabio FON e Soraya Braz. O trabalho emerge de reflexões em torno das implicações sociais da tecnologia móvel – em especial, a dissolução de acordos tácitos de convivência em espaços urbanos – bem como, apresenta um percurso de experimentações que re-significam sua própria concepção em diferentes momentos.

Palavras-chave: arte e tecnologia, telefone celular, arte móvel, intervenção.

Abstract

The article concentrates on the creative process of the mobile-urban intervention Captas (2009-2010) by Fabio Fon and Soraya Braz. The artwork emerges from reflections on the social implications of the mobile technology - especially the dissolution of tacit living arrangements in urban areas - it also presents a route of experimentations that re-signify its own conception at different moments.

Keywords: art and technology, mobile phones, mobile art, intervention.

1. Introdução

Produções artísticas em novos meios que partem de pressupostos críticos negam a lógica *up-to-date* própria da tecnologia. Os artistas, neste caso, não se ocupam apenas de produzir em função do mais recente *gadget*, nem reverberam somente as benesses tecnológicas. Na verdade, estes discursos críticos propõem ir além de devaneios estéticos – o deslumbramento sobre o dispositivo ou a imagem digital e suas potencialidades – apontando as implicações da tecnologia em sua inserção social nas relações entre indivíduos e/ou máquinas.

Neste sentido, temos *Captas*, uma intervenção artística móvel-urbana, produzida entre 2009 e 2010 por mim conjuntamente com Soraya Braz, que parte das implicações do uso da telefonia móvel fazendo uso de chamativas capas amarelas que tagarelam ruidosamente quando percebem o uso de telefones celulares, em trânsito pela cidade. Neste trabalho, capas plásticas recebem um sistema eletrônico capaz de disparar conversas pré-gravadas quando percebem o uso de algum

telefone celular, através da emissão de radiação eletromagnética. Desta maneira, aquele que veste *Captas* segue os usuários distraídos em seus aparelhos celulares, envolvendo-os em ruidosas ações, emolduradas por conversas típicas e previsíveis pré-gravadas no sistema da capa.



Figura 1: Elementos de *Captas* em exibição na Mostra SESC de Artes 2010, em São Paulo.

2. Algumas reflexões

Um dos objetivos centrais de *Captas* é discutir implicações sociais da telefonia móvel no espaço urbano. Sob este aspecto, entende-se como espaço urbano um ambiente em constante compartilhamento, de convivência em “alta velocidade”, gerido, muitas vezes, por regras tácitas de relacionamentos interpessoais. Entretanto, estas regras de convivência são violadas diante de limites cada vez mais tênues entre o público e o privado, em situações propiciadas pelas novas tecnologias. No caso específico da tecnologia móvel, nas últimas décadas acompanhamos um aumento explosivo do uso dos telefones celulares, resultando em sua popularização.

O fato é que, com o celular, as pessoas habitam qualquer lugar – naturalmente fazem-se íntimos de outros indivíduos em qualquer ponto em que estejam; a casa deixa de ser o espaço único de sua intimidade. Em lugares públicos compartilham-se sentimentos, idéias ou frases que um estranho jamais ouviria antes do celular.

Pessoas choram copiosamente ao telefone, outras berram furiosamente. A mobilidade nos faz construir uma *bolha*, um lugar projetado como só nosso (e de nosso interlocutor) que é re-habitado a cada nova ligação.

Mas, esta *bolha* ocupada pelo falante nunca estará somente inscrita no plano físico do espaço. Esta projeção é o seu habitat remoto, que oferece as condições necessárias para que a telepresença em mobilidade se efetive com sucesso. Projetamo-nos a distância de qualquer lugar que estivermos. O fenômeno da telepresença implica em uma interessante constatação: a destruição da chamada *lei de proximidade*, já que o que está perto deixa de ser – obrigatoriamente – o mais importante. Abraham Moles traz a questão para pensarmos:

Ao entrarmos na era da tele-presença nós buscamos estabelecer uma equivalência entre "presença real" e "presença vicária". Essa presença vicária está destruindo o princípio organizador que a nossa sociedade tem, até agora, construído. Nós chamamos este princípio de lei da proximidade: o que está perto é mais importante, verdadeiro ou concreto do que está longe, menor ou mais difícil de acessar... Ao mesmo, nós vivemos numa era de opulência comunicacional. Nós temos agora a nossa disposição mais fontes de comunicação e de interação do que jamais vamos poder usar em nosso relativamente curto período de vida. Esta é uma era de redes de sistemas sociais, decorada com o título futurístico de Sociedade da Informação (MOLES apud FADON, 1997).

Ora, o telefone, segundo LÉVY (2009, p. 81), é o primeiro meio de telepresença. A voz daquele que fala ao telefone – com suas entonações e pausas – está de fato presente quando seu interlocutor a recebe remotamente. O conceito é fundamental para entendermos uma dimensão de contato que se efetiva a cada conversa: a concomitância de uma presença física e de uma telepresença a um mesmo indivíduo. A telepresença implica em ausência perceptiva. O envolvimento remoto propicia um desligamento da presença física e suas implicações. Ao falarmos ao telefone, esquecemos um pouco de onde estamos ou quem nos rodeia – exceto quando os estímulos locais superam o envolvimento remoto.

Quando a telepresença se efetiva, muitos falantes perdem sua percepção mais apurada dos limites de sua intimidade. Conforma-se, assim, uma ausência circunstancial, onde os falantes descuidam-se e tornam-se inconvenientes: expõem, em voz alta, suas conversas mais íntimas, sem desejarmos ouvi-las; incomodam-nos em locais impróprios como cinemas; obrigam-nos a compartilhar suas opiniões, seus preconceitos ou até mesmo, suas mentiras – quando o paradeiro dito por telefone

não confere com o real lugar do falante. Aliás, sabemos bem que em um contato tête-à-tête, ambos interlocutores têm consciência de onde estão e quem os rodeia.

A inserção das tecnologias móveis em espaços urbanos nos oferece uma visão nova ao fenômeno da telepresença: a implicação relacional. Como fica a relação com os desconhecidos que compartilham esse envolvimento? Em diversas situações, perturbam-se aqueles que não estão remotamente envolvidos. O falante inconveniente ao celular em espaços urbanos priva os presentes do direito tácito de nada saber, da contemplação silenciosa dos lugares, das coisas e das pessoas, do direito de estar imerso em si mesmo.

Em um ímpeto contrário, acreditamos que um modo eficaz de problematizar a questão é interromper o significativo envolvimento propiciado pela distância. É necessário tornar a bolha mais permeável. O falante pode acostumar-se com a concomitância de ambas as presenças – remota e física – sem sobrepujar uma diante da outra, quando rodeado por outras pessoas. Para concretizar estas premissas, nada melhor do que a interferência direta: o ruído invasivo e reflexionista.

O artista Steve Mann, com sua proposta do Reflexionismo, é uma referência fundamental nestas reflexões. Ele realiza ações a partir de espaços de vigilância (tais como shoppings e cassinos), utilizando-se do seu computador vestível (wearable computer) dotado de um olho-câmera e/ou conexão web para capturar em vídeo aqueles mesmos que se utilizam dos equipamentos de vigilância. Essas imagens são tornadas públicas, invertendo a situação. Não há uma apropriação dos meios propriamente, mas de suas estratégias. O Reflexionismo é colocado pelo artista como uma nova proposta filosófica e tática que toma a metodologia tradicionalmente situacionista de apropriação das estratégias do opressor como primeiro passo para avançar mirando, com a mesma metodologia, diretamente contra quem oprime (MANN, 1997).

Assim, *Captas* é uma tentativa assumidamente invasiva de devolver incômodos conseqüentes da tecnologia móvel. É uma capa ruidosa – chamativa e barulhenta –, que interpela o falante tomando-o de assalto de volta ao espaço dos presentes. Bem, se permanecer telepresente é a regra – ao ponto de que poucos são os indivíduos que não possuem telefones celulares e muitos são aqueles que já

possuem mais de um aparelho – esta ação se faz necessária enquanto uma tomada reflexiva e crítica que busca explicitar as implicações das tecnologias móveis no espaço urbano, nas relações humanas e na percepção de seus utilizadores.

3. Experimentações

Ao falar de *Captas* é necessário contextualizar trabalhos anteriores realizados como *Roaming* (2007) e *Grampo* (2007), também produzidos em co-autoria com Soraya Braz, que fazem uso de pequenos chips presentes no interior de penduricalhos para aparelhos celulares. Os penduricalhos em questão são pequenos bonecos de plástico transparente – que possuem luzes coloridas que acendem quando um celular realiza ou recebe ligações ou mensagens de texto. Na verdade, esses dispositivos são sensores que captam a radiação eletromagnética do ambiente e a explicitam – ainda que tenham um caráter decorativo, torna-se possível a apropriação deste artefato para discutir a própria tecnologia móvel – em especial, o corpo invisível que se faz presente no uso dos telefones celulares.

O primeiro dos trabalhos fazendo uso dos chips foi *Roaming*, apresentado primeiramente na mostra expositiva do Mobilefest 2007 – Festival de arte e criatividade móvel, realizado na galeria do SESC Avenida Paulista, em São Paulo. *Roaming* é um painel de 1m² constituído de duas lâminas sobrepostas, uma de alumínio (onde há dezenas de sensores fixados) e outra de vidro (que apresenta a palavra-título do trabalho em adesivo). Envidraçado e preso a uma parede, o trabalho reflete a imagem daqueles que observam e/ou participam do trabalho ao mesmo tempo em que as luzes indicam a possível presença da radiação. Curiosamente, nesta primeira exibição, há também um diálogo na sua própria localização, já que foi disposto especialmente em uma área da capital paulista em que há a discussão sobre a poluição eletromagnética devido à concentração de antenas de emisoras de rádio e televisão no decorrer da mais conhecida avenida da cidade. *Roaming* foi também apresentado no FILE - Festival de Linguagem Eletrônica 2008, em São Paulo, no FILE RIO, em 2009 e FILE POA 2011, em Porto Alegre.

Depois de *Roaming*, foi desenvolvido o trabalho *Grampo*, que também possui dezenas de sensores presos em uma lâmina de alumínio. *Grampo*, porém se

diferencia do trabalho anterior por um aprofundamento nas particularidades da tecnologia móvel: a implicação social desta tecnologia, onde muitos falantes não são capazes de diferenciar espaços públicos e privados sendo tão intrusos quanto a própria radiação eletromagnética que emana de seus aparelhos.

O trabalho se compõe, além dos sensores, de uma placa controladora Arduino, saídas de som e um *MP3 Player* que possui um banco de conversas capturadas em espaços públicos de São Paulo. Essas conversas foram gravadas sem o consentimento dos transeuntes intrusivos. Daí a origem do título do trabalho. Então, no espaço da exposição, quando algum telefone celular está presente emitindo radiação – seja em ligação ou enviando mensagens – o trabalho não só emite inúmeras seqüências luminosas dos dispositivos como também executa o áudio das conversas perturbadoras, como ruídos pouco reconhecíveis. *Grampo* foi inicialmente apresentado na exposição 27 Formas no Paço das Artes, em São Paulo, em 2007. Em 2008, foi apresentado na Campus Party Brasil, acontecida no Pavilhão da Bienal, São Paulo, entre os dias 11 e 17 de fevereiro. É a partir de *Grampo* que surge *Captas*. Retomando o trabalho já abordado no início deste texto, seguem então, três situações entre os anos 2009 e 2010 que significaram aperfeiçoamentos técnicos e conceituais na concepção inicial do projeto.

3.1. Apropriação (2009)

O primeiro momento de *Captas* surge de duas preocupações fundamentais: uma necessidade de extrapolar os limites do espaço expositivo e encontrar de fato os falantes de celulares em espaços urbanos; ao mesmo tempo, soma-se o intuito de dar prosseguimento à idéia de apropriação, presente nos trabalhos anteriores e tão cara à artemídia. A primeira necessidade foi mantida em momentos seguintes. A discussão das implicações sociais provocadas por *Grampo* instigou-nos a conceber o projeto com um significativo viés reflexionista: devolver ao usuário da telefonia móvel a intromissão intrínseca à tecnologia. A segunda preocupação nos motivou a desenvolver uma vestimenta unindo um sistema similar ao presente em *Grampo* – com sistema Arduino conectado a um dos sensores originalmente apropriados dos penduricalhos para celular – e uma capa de chuva convencional.

Aqui, podemos descrever *Captas* como uma capa amarela com capuz, que possuía frontalmente uma placa Arduino, sensor de radiação eletromagnética e aparelho Mp3Player conectados a uma bateria. Há também uma saída de som – alto falante – único item localizado nas costas daquele que veste o trabalho. Entretanto, o sistema apresentou-se muitíssimo instável e a capa inevitavelmente quente em dias ensolarados. Neste primeiro momento, *Captas* é inicialmente apresentado, em 2009, na exposição do evento 8#ART - Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, em Brasília.

3.2. A *anti-capa* (2009-2010)

O segundo momento de *Captas*, então, é traçado a partir da conquista de recursos através do Edital Arte Tecnológica 2009 da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Norte (FAPERN), o que permite inserir o projeto no contexto de pesquisa acadêmica, formando um grupo interdisciplinar de graduandos de diferentes cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).



Figura 2: *Captas* em São Paulo. Atuação de Adriano Mattos, Diniz Jr. e Alexandre Mattos.

Assim, duas linhas de experimentações foram estabelecidas: primeiro, um estudo em torno de materiais que não apenas fossem mais leves, mas que também ampliassem uma dada situação de estranhamento; a segunda linha buscou

referências sobre outros sensores de radiação eletromagnética capazes de gerenciar as emissões de sons intrusivos pré-gravados. Ambas as linhas de estudos resultaram em importantes aperfeiçoamentos do trabalho, não apenas no domínio técnico, mas também no enriquecimento de significados: sob os moldes de uma capa de chuva, *Captas* recebeu uma tela plástica permeável, tornando visível aquele que veste. Uma *anti-capa*, invariavelmente inútil a qualquer pretensão de proteção. O conjunto cria não apenas um ruído sonoro, mas também visual, pelo amarelo difuso em paisagens urbanas cinzentas.

Do ponto de vista técnico, a placa controladora e o sensor oriundo dos penduricalhos foram substituídos por um sensor de radiação eletromagnética mais robusto, especialmente desenvolvido para o trabalho, responsável por liberar as conversas pré-gravadas a cada emissão de radiação.

Em 2009, *Captas* foi apresentado em São Paulo, durante o MOBILEFEST 2009 - Festival de Arte e Criatividade Móvel. No mesmo ano, realizou duas performances em espaços urbanos: uma na cidade de Natal e outra, em São Paulo. Em 2010, o trabalho é apresentado na exposição ARTE-Poética-DIGITAL, durante o 5º Seminário de Arte Contemporânea da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul e também no Salão de Arte Tecnológica FAPERN, organizado pela FAPERN na Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte, em Natal, RN.

3.3. *Falando pelos cotovelos* (2010)

Enfim, *Captas* chega a seu terceiro momento, quando tomam corpo algumas preocupações performativas que serão aderidas em sua atual condição. Os pressupostos irônicos do trabalho passam a ser ainda mais enfatizados a partir do momento em que as saídas de som, inicialmente localizadas nas costas daquele que veste a capa, passam para os cotovelos. Como é sabido, “falar pelos cotovelos” é uma expressão popular aplicada aos indivíduos demasiadamente falantes. A capa concretiza essa figura de expressão, trazendo também uma nova condição relacional: aquele que veste a capa passa a direcionar seus cotovelos aos falantes. Seja um ou ambos os braços, direcionar os cotovelos a uma pessoa não é uma atividade nem um pouco amigável: fechar o braço, projetando o cotovelo com a mão entre as partes é um ato popularmente conhecido como “dar uma banana”, ou seja,

justamente deixar de dar importância ao indivíduo ao qual o cotovelo é direcionado. Nisso, *Captas* amplia seu poder provocativo e irônico, enriquecendo-se.



Figura 3: *Captas* em Natal. Atuação de Joevan Oliveira.

Neste terceiro momento, *Captas* foi apresentado na Mostra SESC de Artes 2010, em São Paulo, no contexto do Ateliê de Cibercostura juntamente com outros trabalhos vestíveis de artistas brasileiros e estrangeiros, sob a organização de Gabriela Carneiro. Uma de suas últimas aparições acontece ao final do segundo semestre de 2010, em intervenção realizada na popular Galeria do Rock, no centro da capital paulista, ponto de encontro de punks, skatistas, roqueiros e outras tribos urbanas.

BIBLIOGRAFIA

- De SOUZA e Silva, Adriana. Arte e tecnologias móveis: hibridizando espaços públicos. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- FADON, Carlos. *Tele-presença-ausência*. In: REVISTA TRILHAS, v.6, n.1. Campinas: Instituto de Artes/Unicamp, 1997. p.47-55.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 81.
- MANN, Steven. "Reflectionism" and "diffusionism": new tactics for deconstructing the video surveillance superhighway. Toronto: University of Toronto, 1997. Disponível em <<http://hi.eecg.toronto.edu/leonardo/>>. Acesso em 09 de março de 2011.

NUNES, Fabio Oliveira. Ctrl+Art+Del: Distúrbios em Arte e Tecnologia. São Paulo, Perspectiva, 2010.

NUNES, Fabio Oliveira; BRAZ, Soraya. Intromissão e invisibilidade em experimentações artísticas com radiação eletromagnética. In: VISUALIDADES (UFG), v. 8, n.1. Goiânia: Programa de Pós-graduação em Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás, 2010. p.161-173.

Fábio Oliveira Nunes (Fabio FON): É doutor em artes na Universidade de São Paulo (USP) e mestre em multimeios na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, leciona na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Entre seus estudos, destaca-se CTRL+ART+DEL: Distúrbios em Arte e Tecnologia, livro publicado pela Editora Perspectiva, em 2010. Site pessoal: <http://www.fabiofon.com>.